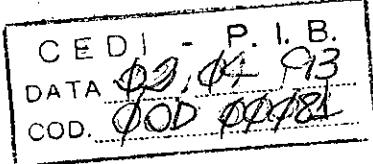


25/02/81

NOTA À IMPRENSA E À FUNAI



Joãozinho, da Aldeia Aroeira ao Sul da Rondônia, de volta de uma visita aos Aikaná (ou Salumá), onde já esteve casado, contou ter escutado destes últimos a notícia de que o grupo Mamaletô, que ajudaram a contatar em junho de 77, teria morrido de sarampo. Alguns índios contaram ter visitado a aldeia mamaletô, encontrando somente mortos em estado de putrefação.

Como aconteceu entre vários grupos de Rondônia e noroeste de Mato Grosso, ao longo da temporada de chuvas que ainda continua, houve também entre os Aikaná um surto de sarampo. Na mesma época, conta Joãozinho, os Mamaletô ; passaram alguns dias.. trabalhando para os Aikaná, ganharam ferramentas e voltaram a sua aldeia.

Segundo os que visitaram os Mamaletô, trazendo a notícia dos mortos, talvez tenha sobrevivido um casal que estava na mata caçando.

Os mamaletô foram contatados em junho de 77 pelo então capataz rural Jorge Falca e alguns aikaná que o acompanharam. Em junho seguinte o antropólogo David Price fez uma visita à sua aldeia, constatando que pelo menos dois índios tinham morrido de gripe depois do primeiro contato.

A localização da aldeia, segundo ele, seria nos lotes 34, 35, 44 ou 45 do INCRA, no alto Rio Capivara, afluente do Rio Pimenta Bueno. A aldeia era composta de 7 casas: uma vazia - seu dono tinha morrido dois dias antes -, as outras abrigando 6 casais e 4 crianças.

O antropólogo comprovou, de outro lado, a filiação linguística do grupo com os Nambiquara do Norte, identificando-os como "Iacondê".

Não é sabido que a FUNAI tenha tomado qualquer tipo de medidas de assistência a este pequeno grupo nambiquara, nem sequer tomado as providências elementares após contato, tais como as vacinações indispensáveis, nem destinado um funcionário competente para dar atendimento sanitário na dita área. É da competência da FUNAI informar à opinião pública da veracidade ou não de tão grave notícia.